ECA!!
O grotesco na TV

Bianca Martins, Ellen Tardelli, Ignês Contreiras e Rafael Rusak

Simular o seqüestro de Brad Pitt só para apanhar da polícia. Nadar pelado nos esgotos da cidade. Colocar um *piercing* prendendo as nádegas. Por que alguém faria isto? A resposta é simples: para alimentar um estranho prazer que as pessoas sentem em assistir coisas bizarras e grotescas. Na televisão, programas que mostram atrações deste tipo são um sucesso de audiência. Jackass, South Park, e versões nacionais como os programas de Marcos Mion e João Gordo, fazem a alegria de suas emissoras. O custo é baixo e a audiência é enorme.

Há trinta anos, o professor, escritor e jornalista Muniz Sodré já levantava a questão sobre o grotesco na televisão. Em 1972, com *A comunicação do grotesco*, afirmava que a televisão é hábil em usar o escatológico para ampliar sua audiência e conseguir verba publicitária. Em seu mais recente trabalho, *O império do grotesco* (Editora Mauad), Sodré conceitua o grotesco como a estética de tensão entre o humano e o animal. "É o que se chama de mau gosto, a estética da cintura para baixo", explica.

Em seu mais recente trabalho, Muniz Sodré conceitua o grotesco como a estética de tensão entre o humano e o animal.

Em entrevista concedida ao jornal Gazeta do Povo, respondendo quais seriam as melhores opções na televisão hoje em dia, Sodré cita apenas os canais de tv por assinatura Discovery Channel e Multishow. Isso é, no mínimo, curioso por que o Multishow é o canal recordista em exibição de programas que ganham a audiência através do grotesco. Os desenhos Os Simpsons e South Park, o seriado *Absolutely Fabulous* e o *freak show* Jackass, são alguns dos programas campeões de pedidos pelos assinantes, revela Leonardo Diniz, analista de *marketing* do canal e responsável pela área de internet.

O Brasil não fica de fora

Mas não é só o grotesco "made in USA" que a televisão brasileira exibe. Aproveitando o ditado "na TV nada se cria, tudo se copia", Marcos Mion, ex-apresentador da MTV Brasil, encontrou a oportunidade perfeita para utilizar o humor grotesco e o bizarro em produções nacionais, ao assinar contrato com a TV Bandeirantes para fazer um programa diário, direcionado ao público jovem. Famoso pelo quadro *Os piores clipes do mundo*, da antiga emissora, Mion faz do deboche e do inusitado o seu estilo, e dessa maneira ganhou a empatia do público.

O programa *Descontrole*, que ia ao ar de segunda à sexta das 21h às 22h, era feito ao vivo por Mion com auxílio de personagens como: Corvo, Cidão, Dragon, Black Ninja e Senhor de Idade. O apresentador utilizava o discurso de que qualquer um pode fazer

sucesso na televisão, e abria espaço para produções independentes e artistas anônimos com os quadros "Vídeos Caseiros" e "Minuto de Fama". Mion exibia pérolas da cultura B como os filmes da Pepa Filmes. E deixava em *stand-by* nos bastidores do estúdio os supostos talentos que eram chamados, ou não, no decorrer do programa. Entretanto, a principal característica do *Descontrole* era mesmo o apelo ao humor grotesco e ao bizarro.

A principal característica do programa *Descontrole* era mesmo o apelo ao humor grotesco e ao bizarro.

Assim como alguns programas nos Estados Unidos, *Descontrole* foi alvo de críticas e debates. Uma brincadeira em particular, denominada Montinho, foi censurada por ordem da Vara da Infância e da Adolescência, devido à carga de violência explícita e gratuita. Nela, sem motivo algum, um dos personagens era imobilizado por outro e jogado no chão. Em seguida, todos em cena se arremessavam sobre eles. A partir daí rolavam amassos e apertos. Segundo Mion, que explicou em um antigo programa, o Montinho, tinha uma regra a ser seguida para não colocar os participantes em situações constrangedoras: "Um cai por cima e o próximo tem que cair na transversal." Mas o quadro acabou saindo do ar com a reformulação do programa.

O apresentador João Kleber também está processando Mion por uma paródia ao quadro *Teste de Fidelidade*, de seu programa na Rede TV. Nesta brincadeira de mau gosto, até a esposa de João Kleber foi vítima de xingamentos. Além dos problemas judiciais, a natureza de alguns quadros do *Descontrole* entrava em choque com a ordem pública e conseqüentemente, a polícia. Em determinado programa, Mion, fantasiado de mergulhador, resolveu nadar em um laguinho público. Neste quadro houve intervenção direta de policiais, que retiraram o apresentador do local. Tudo foi filmado.

O programa de Marcos Mion divide opiniões

Para Leonardo Alves, estudante de 20 anos, o *Descontrole* era um

programa que, a partir da imbecilidade total, acabava se tornando engraçado. Parafraseando o apresentador, diz: "É gostoso rir da desgraça dos outros". Já seu pai, Renato Alves, aposentado de 58 anos, critica fortemente o programa. "Muita bobeira, uma verdadeira apelação. Outro dia vi esse cara roubando placas de sinalização de madrugada na rua. Se pudesse não deixava o Léo assistir. Parecem crianças com quinze anos", afirma.

A imbecilidade de Jackass faz sucesso na TV

> **"A graça está no alívio. Uns se acham feios, outros baixos, gordos ou magros demais. No entanto, ao saber que existem outros como elas ou até pior ficam aliviadas".**
>
> **Maria Heloísa Schimith**

Renato acredita ainda que Mion sempre humilhava e destratava as atrações ou músicos que levava ao programa. "Isso é muita falta de respeito". Sempre repetindo que só vê algumas partes por causa de seu filho, fiel espectador.

Uma explicação psicológica

Por que achamos graça do que deveria ser, no mínimo, estranho? Para essa pergunta, a psicoterapeuta Maria Heloísa Schimith tem a resposta: "A graça está no alívio. Muitas vezes, as pessoas pensam que têm problemas. Uns se acham feios, outros baixos, gordos ou magros demais. No entanto, ao saber que existem outros como elas ou até pior ficam aliviadas", resume Maria Heloísa.

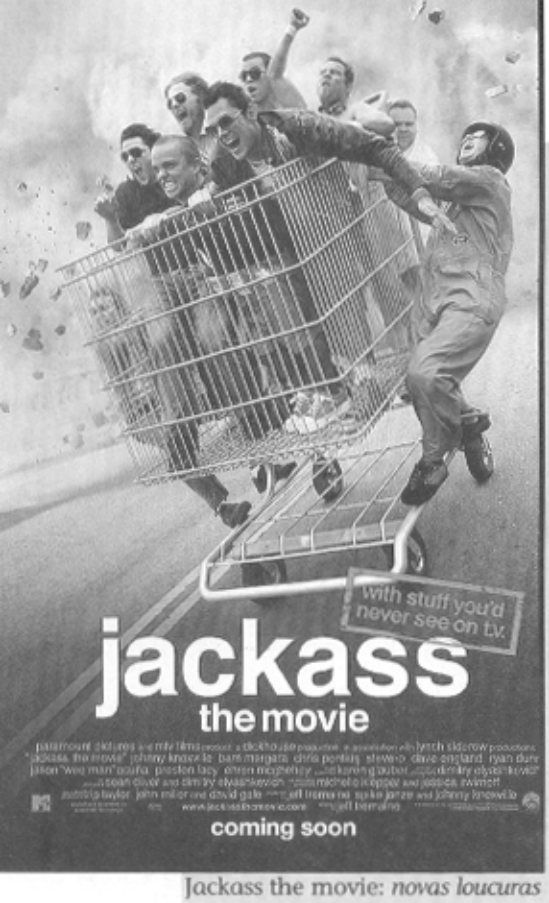
Para a psicoterapeuta, a risada é uma expressão de alegria que se sente, não pelo que os personagens fazem, mas sim pelo que são. "Quando rimos de alguém obeso, estamos definitivamente felizes por não sermos assim", explica.

Em relação a achar graça das desgraças alheias, a explicação se torna mais individual e depende do envolvimento de cada pessoa com o caso. Segundo Maria Heloísa, as pessoas riem de outra sendo atropelada, por exemplo, e essa noção vem desde a infância com os desenhos mais inocentes, como Piu-piu e Frajola e, mais atualmente, os Simpsons. E ela explica: "esse riso pode ter dois motivos: o primeiro é causado pela antipatia criada acerca do personagem e o segundo é o simples prazer de ver o outro se dar mal. Ambos são atributos instintivos do ser humano, frutos de uma sociedade competitiva."

Diante da complicada situação social, política e econômica que o mundo atravessa, a psicoterapeuta acredita que essa forma de riso se tornou um refúgio. "Tudo pode parecer estar péssimo, mas rir ainda é o melhor remédio", encerra o raciocínio, com risos aparentemente sarcásticos.

Jackass: campeão do grotesco na TV

ANGELA ZARATE, ANDRE LANHO, EDUARDO MIGUENS E SUZANA TSAI



Jackass the movie: *novas loucuras da galera que faz sucesso na TV*

Quando, em 1996, John Phillip Clapp, mais conhecido como Johnny Knoxville, resolveu se borrifar com spray de pimenta e atirar contra si com uma arma de choque, só para escrever um artigo sobre defesa pessoal para a revista Big Brother, não imaginava que a idéia se transformaria, anos depois, em um grande sucesso da televisão americana. Foi a partir desta experiência que Knoxville criou – ao lado de Bam Margera e com produção de Spike Jonze – o programa Jackass, um ícone do humor grotesco na TV, exibido, no Brasil, com o título de Cara-de-Pau pelo canal Multishow.

No programa, que se auto-declara idiota (o equivalente em português para a palavra jackass) sem pudores, é testado o limite entre o real e o fictício, tanto pelos apresentadores quanto pelos espectadores. Desde que a série foi lançada, em primeiro de outubro de 2000, na MTV americana, os participantes já quebraram narizes, perderam dentes, tiveram dúzias de contusões, torções e ossos quebrados. Mas também se tornaram os maiores em audiência do canal por três temporadas consecutivas, atingindo a marca de mais de três milhões de espectadores por semana só nos Estados Unidos.

No Brasil, Jackass chegou em novembro de 2001 e foi considerado por críticos e jornalistas um programa de humor corajoso e idiota. Em depoimento ao Jornal do Brasil de três de novembro de 2001, Wilson Cunha, diretor de entretenimento da Globosat, definiu o humor do Jackass como "transgressor e politicamente incorreto" e disse que a proposta do Multishow em exibi-lo era a de "mostrar novas formas de humor".

Os brasileiros aficionados pelo programa colecionam episódios e esperam ansiosos o longa-metragem que estreou em julho de 2002 nos cinemas americanos. Para o estudante de Comunicação Rafael Fejes o interessante do programa é a total perda de limites na criação de seus quadros. "Enquanto outros programas de TV lançam atrações como as 'pegadinhas' há anos, Jackass abusa da originalidade e da loucura para realizar idiotices que nenhuma outra pessoa ousaria tentar", explica.

Mas mesmo com altos índices da audiência, o sucesso do programa não é unânime. Na opinião da estudante de Jornalismo Shalimar Trotta, "Jackass é sujo, grotesco, feio e bizarro. Se o objetivo deles era fazer a gente passar mal, eles conseguiram".

Apesar dos avisos de que as cenas não devem ser realizadas por amadores e que o canal não receberá ou aceitará qualquer material caseiro, alguns fãs americanos resolveram bancar os "jackasses" imitando os participantes. No início de 2001, um menino de 13 anos do estado de Connecticut (EUA) sofreu graves queimaduras quando, segundo a polícia, um amigo o ensopou de gasolina e acendeu um fósforo. Os dois tentavam imitar um episódio em que Knoxville havia se transformado em churrasco humano, deitando-se em uma churrasqueira quente com carne amarrada ao redor de seu corpo. A diferença entre o humor e a tragédia era que o participante vestia uma roupa de amianto que o protegia do fogo, enquanto que o menino não.

Casos como este tornaram o programa alvo de duras críticas e, como resultado, foi tirado do ar nos Estados Unidos. Em resposta, Johnny Knoxville disse à revista Rolling Stones que, sobre os acidentes, não falaria nada necessariamente às crianças, mas aos pais. "Diria que monitorassem um pouco mais o que seus filhos assistem na televisão e que tivessem mais diálogo com as crianças", alfinetou.

Alvo humano de armas pinball: Johnny Knoxville sofre mas se diverte, em mais uma das brincadeiras de Jackass